

As fossas tenebrosas da vida digital e o totalitarismo algorítmico

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo:

O artigo analisa o potencial perdido pela Cibercultura e sua funcionalidade comunicacional da Internet dissolvida pelo aprisionamento dos seus dispositivos operacionais por segmentos sociais alheios aos princípios democráticos, assim como a submissão dos paradigmas virtuais aos traços mais nítidos da sociedade de desempenho neoliberal.

Palavras-chave: Cibercultura; Internet; Infocracia; Algoritmos; Dados.

The dark cesspools of digital life and algorithmic totalitarianism

Abstract:

The article analyzes the potential lost by Cyberculture and its communicational functionality of the Internet dissolved by the imprisonment of its operational devices by social segments alien to democratic principles, as well as the submission of virtual paradigms to the sharpest features of the neoliberal performance society.

Key words: Cyberculture; Internet; Infocracy; Algorithms; Data.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ



Introdução

Por muitos anos dedico-me aos estudos comunicacionais em suas mais amplas interfaces sociopolíticas. Outrora manifestava uma perspectiva mais otimista ainda que deveras crítica em relação aos processos de virtualização informacional, conforme pode-se constatar em BITTENCOURT (2012a), BITTENCOURT (2012b) e BITTENCOURT (2012c). Porém, a apropriação desses recursos inovadores por forças obscurantistas direcionadas pelo ódio ao gênero humano, pela produção de mentiras e pelo desapareço pela democracia social motivou-me uma acentuação dos tons objetores em relação aos estímulos maravilhosos da cibersociedade.

O desenvolvimento avassalador das tecnologias da informação transformou substantivamente nossas capacidades interativas, enaltecendo-se assim um possível projeto de instauração de uma humanidade afortunada finalmente integrada para além das inevitáveis

fronteiras físicas que marcavam as separações geopolíticas entre os mais diversos povos de nosso mundo. Uma grande euforia intelectual perpassou as análises de futurólogos, pesquisadores da comunicação e demais experts, euforia legítima, cabe ressaltar, pois o progresso técnico das redes informacionais acompanha o florescimento de diversas outras transformações fundamentais para o desenvolvimento de nossa estrutura civilizacional. Uma perspectiva humanista-crítica não pode deixar de se felicitar pelos avanços técnicos em todos os setores organizacionais de nossa sociedade, pois impactos salutares no modo de vida humano ocorrem a partir dessas inovações. Não se trata, obviamente, de se celebrar uma dada inovação por si só, pois nem sempre o que é novo é bom e é sempre de suma importância desmistificarmos a ideologia da neofilia em nossas consciências intelectualmente aceleradas pela tecnologia. No entanto, o progresso técnico, quando visa superar limitações

operacionais que atrapalham a ampliação das nossas capacidades criativas e se curva aos parâmetros inalienáveis da democratização social, é sempre bastante conveniente para a concretização de nosso projeto sustentável de bem-viver.

O surgimento da Internet, revolução informacional-comunicacional de um mundo em transição do analógico para o digital, representava as expectativas de uma consciência global, integrada, livre dos preconceitos ideológicos e das amarras limítrofes das dimensões nacionais, promovendo, quem sabe, as aptidões multidimensionais do ser humano. A Internet era glorificada como um renascimento do projeto iluminista e seu cosmopolitismo fundamental. A utópica paz perpetua dos povos ocorreria pela conexão comunicacional virtualizada capaz de romper qualquer muro entre as nações. Uma democracia insólita, rigorosamente horizontalizada e descentralizada, estava por vias de se efetivar, conforme acreditava Pierre Lévy, um dos arautos da revolução civilizacional promovida pela “Inteligência Coletiva” em sua rede de saber universalista:

O uso socialmente mais rico da informática comunicacional consiste, sem dúvida, em fornecer aos grupos humanos os meios de reunir suas forças mentais para constituir coletivos inteligentes e dar vida a uma democracia em tempo real (LÉVY, 2003, p. 62).

Porém, o percurso histórico da Internet e seus suportes técnicos evidencia que tal meta excelente não se concretizou, dando antes guarida para forças contrárias ao espírito progressista que acalenta os sonhos de um mundo melhor para todos nós na Biosfera degradada e em acelerado processo de colapso vital. Por conseguinte, qualquer interpretação dos fenômenos sociais que não se paut

em ambivalências axiológicas se arrisca ao descrédito.

O advento da Cibercultura

Aquilo que denominamos como Cibercultura é o conjunto de fenômenos comunicacionais da revolução informacional ocasionada pela expansão da Internet pelo nosso mundo e suas inevitáveis mudanças comportamentais que estabeleceram a transição da dimensão analógica para as interfaces digitais. Mesmo o ser humano passaria por uma espécie de atualização de si tornando-se cada vez mais unificado com a energia eletrônica que opera na velocidade da luz. Derrick de Kerckhove afirma que

A longo prazo, a mudança psicológica mais importante pode ser a exteriorização da nossa consciência pessoal, comum, mesmo que passemos a explorar as percepções úteis externas a partir do pensamento. O mundo exterior vai tornar-se uma extensão da consciência, tal como costumava acontecer com as culturas “primitivas” (KERCKHOVE, 2009, p. 68).

Para aqueles que acreditam na plena fusão entre tecnologia informacional e religiosidade, talvez Deus não deva mais ser buscado em esferas sutis para além de nossa estrutura tridimensional, mas nas ondas absolutas do Ciberespaço. Deus fez-se Bit. Quem viveu a transição entre o mundo anterior aos paradigmas da Internet e a instauração da grande rede sabe muito bem o quanto as formas comunicacionais e as relações sociais foram modificadas com essa revolução tecnológica, alterando inclusive nossa percepção de tempo e de espaço a partir da consolidação do formato virtual dos fluxos informacionais. Segundo Pierre Lévy,

É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela presa a um lugar ou tempo em particular. (LÉVY, 1999, p. 47).

Uma carta enviada para nosso destinatário demorava dias para chegar e eventualmente corria-se o risco do extravio ou de interceptação pelos poderes estabelecidos, de modo que os correios atuavam como uma grande força da contingência em nossa vida administrada, racionalizada e instrumental, na qual todo atraso é perda de lucro. A comunicação virtual aos poucos eliminou esse risco operacional e suprimiu essa necessidade esperançosa de aguardarmos pacientemente uma resposta de nosso interlocutor. Aliás, a troca de correspondência outrora era uma das mais sofisticadas formas de intercâmbio intelectual entre a comunidade de sábios. Os insípidos e-mails, não obstante sua tecnicidade instrumental que dinamizam nossa comunicação prosaica, suprimiram o glamour dos epistolários, nos quais grandes intelectuais transmitam muitas vezes as suas ideias mais ousadas sem os temores da censura da época. Em tempos nos quais os espólios de pensadores célebres não poupam nem mesmo pequenas anotações esparsas, a ausência de epistolário é um grande baque para o mercado editorial. Talvez ninguém ouse publicar uma coletânea de e-mails trocados entre os pensadores cujas obras se consolidaram a partir da virtualização dos sistemas informacionais pois são formatos textuais desprovidos de maiores encantos, não obstante o teor do conteúdo deveras relevante. Ainda nesse contexto de mudanças técnicas, a

tradição dos manuscritos se dissolveu, pois para muitos escritores é mais prático e vantajoso a redação do texto em potencial diretamente no teclado do computador, cujas funcionalidades permitem ainda a correção de eventuais erros gramaticais. De toda maneira, esperamos no porvir encontrar fragmentos textuais perdidos de intelectuais em um disquete, uma nuvem, uma pasta oculta ou na área de trabalho. Quem sabe.

Comumente se defende a ideia de que a expansão da comunicabilidade virtual promove o fortalecimento da horizontalidade democrática entre as pessoas, ainda que fisicamente distantes entre si. Mais do que a substancialidade da democracia, a Internet promove o dispositivo da dromocracia, que nada mais é que a efetivação do poder da velocidade em nossas organizações e formas de vida.¹ Por conseguinte, a cada momento as interações comunicacionais se aceleram e conectam de alguma forma toda a humanidade na grande rede (sem deixarmos de levar em consideração as fragilidades tecnológicas de muitos povos pelo mundo e suas carências estruturais, circunstância sempre importante de destacar). A ideia de Cibercultura foi celebrada filosoficamente como a realização de uma grande utopia, capaz de promover a integração mundial de forma muito mais intensa do que a política tradicional, considerada engessada e formalista demais. Conforme a argumentação de Derrick de Kerckhove,

A Cibercultura é o produto da multiplicação da massa pela velocidade, com as tecnologias do vídeo intensificadas pelas tecnologias informáticas. [...] A

¹ “A inteligência dromocrática não se exerce contra um adversário militar mais ou menos determinado; ela se exerce como um assalto

permanente ao mundo e através dele, como um assalto à natureza do homem” (VIRILIO, 1996, p. 69)

cibercultura implica “ver através”. Vemos através da matéria, do espaço e do tempo com as nossas técnicas de captura de informação (KERCKHOVE, 2009, p. 143; p. 155)

Vemos aqui a superação do estofo tridimensional que fundamenta nossa realidade material em vista de alcançarmos outras dimensões do multiverso, onde tudo é intensivo e fora de qualquer cerceamento espaço-temporal. Não é sem motivo que se fala cada vez mais sobre a consciência quântica ou a adentrada da condição humana na quinta dimensão. A Cibercultura, nessa esperança imanente análoga ao milenarismo associada ao mais fiel otimismo científico, promoveria uma grande democracia global e dissolveria progressivamente as barreiras nacionais que motivaram outrora tantos entraves ideológicos e conflitos reais. Tal como apreçoado por Pierre Lévy,

As atividades de pesquisa, de aprendizagem e de lazer serão virtuais ou comandadas pela economia virtual. O ciberespaço será o epicentro do mercado, o lugar da criação e da aquisição de conhecimentos, o principal meio da comunicação e da vida social [...] A Cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. (LÉVY, 1999, p. 51; p. 130).

Contudo, apesar das realizações informacionais da Cibercultura e suas interfaces, velhos problemas do passado próximo continuam se manifestando nas

brechas jurídicas e operacionais da Internet, como manifestações racistas, homofóbicas, xenófobas e outras modalidades de discurso de ódio. Obviamente que a Internet não é responsável por isso, tampouco os nobres profetas da sonhada democracia informática, mas sim a ausência de efetivo controle jurídico sobre essas manifestações que se caracterizam pelo mais cru anti-humanismo, e, portanto, negam a essência dos fundamentos modernos de nossa estruturação civilizacional capitaneada pelo progresso das ideias e das ciências. Parece que o vigoroso espírito do Esclarecimento foi obnubilado pelo obscurantismo sectarista, e assim a fraternidade humana é destruída pela apologia da violência contra qualquer pessoa que não pertença ao nosso limitado campo axiológico.

A Infocracia e os descaminhos da cibersociedade

A Internet, longe de se constituir como uma esfera coletiva libertária e democrática tal como almejada pela utopia virtual, é controlada pelo grande capital corporativo, e as empresas detentoras das diretrizes tecnológicas mais avançadas determinam os fluxos econômicos que forjam nossa sociabilidade virtualizada e sempre tentam se imiscuir de quaisquer responsabilizações jurídicas que envolvem os seus aplicativos operacionais quando absorvidos por organizações sectárias de ódio e de violência. Todas as mudanças nas relações informacionais sempre partiram de nobilíssimos pressupostos humanistas e cosmopolitas, mas infelizmente descambam em terríveis modulações verticalizadas que satisfazem a perpetuação ideológica das desigualdades socioculturais que privilegiam apenas a hegemonia das

castas plutocráticas. Edilson Cazeloto considera que

As elites da cibercultura estão implicadas na própria noção de império, uma vez que são praticamente desligadas de seus estados de origem. O cosmopolitismo e a independência em relação a qualquer forma de comunidade de base geográfica são suas marcas. Apesar de permanecer acima das nações, a elite cibercultural atua no interior de cada unidade geopolítica, transformando as relações de produção e reproduzindo sua forma de subordinação[...] Ao verter para o ciberespaço as formas de participação sociais e políticas, a cibercultura produz, no mesmo movimento, a expansão da globalização capitalista, a intensificação da aceleração do cotidiano e a insegurança estrutural, ampliando, por consequência, o poder de submissão exercido pela megainfoburocracia (CAZELOTO, 2018, p. 120; p. 166).

Se nos albores da Cibercultura as grandes corporações midiáticas sofreram o baque econômico pelo incipiente processo de descentralização comunicacional operada pelos usuários conectados em rede que ansiavam por mudanças profundas no establishment informacional, essas mesmas corporações midiáticas, beneficiadas regularmente por governanças complacentes com os seus abusos operacionais, conseguiram reverter o quadro e viraram o jogo. Por conseguinte, não concordamos com o panorama otimista apresentado por Javier Cremades:

Graças às novas tecnologias e ao uso da Internet, telefones celulares e outras fantásticas formas de comunicação, o indivíduo está recuperando cotas de poder e de independência que, durante séculos,

foram subtraídas pelo Estado e pelas instituições [...] Com a Internet temos a possibilidade de construir uma sociedade na qual cada pessoa pode ser livre na transmissão e recepção de ideias e pensamentos, em um contexto de tolerância e respeito que alguns de nossos antepassados não se atreveram a defender (CREMADES, 2009, p. 17; p. 218)

O mundo neoliberal sempre compreende a realidade de maneira edulcorada e sem qualquer criticidade dialética. Certamente a dinâmica virtual controlada pelas grandes empresas de comunicação digital não é regida asperamente pelo modelo tradicional “Um-Todos”, mas mesmo que exista maior possibilidade de o usuário interferir no processo informacional da Internet ao fim e ao cabo são os monopólios midiáticos que ditam a agenda. Dessa maneira, a integração humana prometida pelo caráter inovador das tecnologias digitais da informação é uma promessa vazia e seletiva, pois promove engajamento político apenas quando convém para os desígnios operacionais da esfera pública. Muitas consciências virtuosas privilegiam o engajamento digital em detrimento da participação concreta nas lutas sociais. É óbvio que nos tempos de reconfiguração comunicacional decorrente pela consolidação da Internet plenamente integrada em nossos dispositivos informacionais as táticas de mobilização política multitudinária sofrem inevitáveis alterações estratégicas, mas não permite que a ação imanente do corpo-a-corpo seja suprimida: “A revolução não acontece quando a sociedade adota novas tecnologias – acontece quando a sociedade adota novos comportamentos” (SHIRKY, 2012, p. 137).

Sabemos que as redes sociais não seguem fluxos espontâneos na difusão dos conteúdos, mas atuam em conformidade com os algoritmos e seus inerentes processos automatizados de decisão, hierarquizando os conteúdos que alcançam os usuários conforme critérios que nos são imediatamente alheios. A relação informacional sob os algoritmos é, portanto, alienada, ou seja, nos é estranha e não reconhecemos as suas particularidades totais e os seus respectivos dados. A indagação cética de Baudrillard é bastante pertinente:

Há no ciberespaço a possibilidade de realmente descobrir alguma coisa? Internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta, não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, sites estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desse parâmetro de busca (BAUDRILLARD, 2005, p. 132).

Recebemos apenas o que é previamente estabelecido pelos planejadores estratégicos das grandes empresas midiáticas ou que de algum modo denota os nossos próprios anseios de gosto, de consumo e de valor, fortalecendo assim uma espécie de endogenia informacional, já que raramente conseguimos ir além da bolha digital que nos cerca com seus estímulos padronizados de aderência por algo coisa ou ideia. Max Fisher argumenta que

Na prática, as mídias sociais não aboliram a elite dominante, e sim a substituíram. Seus algoritmos e estímulos passaram a funcionar como gatekeepers, determinando quem sobe ou desce. E fazem isso com base não na popularidade, mas no engajamento (FISHER, 2023, p. 328).

A Internet apenas reforça nossas inclinações prévias dando-nos a falsa sensação de liberdade de escolha por uma dada mercadoria. Assim como a publicidade da era analógica dissolvia qualquer pretensão por espontaneidade autônoma nos atos de consumo, assim também na publicidade virtual, ainda mais eficaz na colonização mental da percepção do usuário-consumidor virtual. Nada está fora do controle disciplinar do grande regime do Panóptico Digital, que não é um espaço territorialmente determinado, mas uma força ubíqua que nos monitora sem que possamos vê-la. Nenhuma informação é desperdiçada pelo poder assimilador da grande rede virtual, circunstância que retrata muito bem o utilitarismo do capitalismo informacional, que aproveita toda manifestação digital, transformada em dado, como um recurso vendável. Da mesma maneira, as redes sociais que se edificaram através das funcionalidades virtuais não são compatíveis com o silenciamento discursivo, com a inatividade interativa. O usuário deve sempre estar emitindo informações, pronunciando-se de maneira contínua, mesmo que não seja o detentor do conhecimento sobre aquilo que emite. Conforme destaca poeticamente Byung-Chul Han,

Hipercomunicação digital, a conectividade sem limites não produz conexão, um mundo. Ao contrário, tem um infinito isolador, aprofundando a solidão. O eu isolado, sem mundo e depressivo se distancia daquela solidão feliz, daquela altura sagrada da montanha (HAN, 2022b, p. 139-140).

Não há seletividade cultural nas emissões massificadas e o ignorante informativo se arroga no direito de se pronunciar no multiverso virtual, pois somente ali ele consegue reverberar seus conteúdos ruidosos. As redes sociais,

com uma devida licença conceitual, apresentam traços fascistóides, pois exigem que o sujeito midiaticizado produza discurso para que a Infocracia exerça a sua dominação sobre a coletividade de usuários. A Internet, os aplicativos informacionais e as redes sociais não exigem o nosso silenciamento, mas o nosso pronunciamento permanente.² Ocorre então o imperativo da informatividade heterônoma com sua característica pressão exclamativa: Goze! Publique! Goze! Publique! A afluência da sociedade de consumo estabelece a obrigação de cada pessoa ser feliz, a afluência informacional da realidade virtual exige a produção de conteúdo. Para Byung-Chul Han,

O excesso de informação faz com que o pensamento defina. [...] Quanto mais informação é liberada, mais o mundo se torna não abrangível, fantasmagórico. A partir de um determinado ponto, a informação não é mais informativa, mas sim deformadora, e a comunicação não é mais comunicativa, mas sim cumulativa. [...] Ao cansaço da informação também pertencem sintomas que são característicos da depressão (HAN, 2018, p. 105-106)

Com efeito, um tipo de situação bastante peculiar do aprofundamento técnico da Cibercultura está no que chamamos de “ansiedade algorítmica”, que se caracteriza, no multiverso difuso das redes sociais e seus influenciadores digitais, pela necessidade de produção de conteúdos que alcancem cada vez mais usuários e assim impactem as suas percepções, como também da necessidade imperiosa de se manter essa

massa digital mobilizada. Mark Fisher pondera que “No ambiente intensivo de 24 por 7 do ciberespaço capitalista, o cérebro não pode mais ficar ocioso; em vez disso, é inundado com um fluxo contínuo de baixa intensidade” (FISHER, 2020, p. 157).

Trata-se de uma reconfiguração ultramoderna da sociedade do espetáculo, em que as imagens determinam nosso ser social mediante a imposição constante da aparição pública. Vigora na Infocracia a sociedade dos dados. No desenvolvimento da Cibercultura, essa experiência se tornou extremamente rentável mediante a monetização dos conteúdos através do impacto gerado sobre os usuários sintonizados. Quanto maior o impacto, maior o retorno financeiro para o criador de conteúdo digital. Temos assim uma espécie de corrida informacional em que não apenas a velocidade de difusão dos conteúdos como também a percepção dos horários adequados para sua transmissão são fundamentais para o devido impacto informacional sobre nossos presumidos interlocutores. O fluxo do tempo deve ser esquadrihado para melhor aproveitamento dos instantes adequados: “Com arranjos em que quase todos os gestos e olhares podem ser monetizados, é inevitável que as pessoas sejam incitadas a estar 24/7 diante das telas” (CRARY, 2023, p. 125).

Mais do que “ser é ser percebido”, vigora agora “ser é ser curtido”. O influenciador digital expressa a ânsia da sociedade de desempenho por engajamento constante e monetarização de todo tipo de informação, em performances sempre mais e mais invasivas para obter

² Essa passagem é complementada inspirada pela celeberrima explanação de Roland Barthes (2009, p. 14): “Mas a linguagem, como desempenho de toda linguagem, não é nem

reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”

melhores resultados junto aos seus seguidores. O dito “criador de conteúdo digital” atua como uma espécie de autointitulado midas da mídia virtual, necessitando sempre revestir o banal de traços extraordinários para conquistar o consumidor de informações. Conforme aponta Byung-Chul Han,

A mídia digital não tem idade, destino e morte. Nela, o tempo mesmo é congelado. Ela é uma mídia atemporal [...]. A era digital totaliza o aditivo, o enumerar e o enumerável. Mesmo tendências são contadas na forma de curtidas. O narrativo perde enormemente em significado. Hoje tudo é tornado enumerável, a fim de poder ser convertido na linguagem do desempenho e da eficiência. Assim, hoje, tudo aquilo que não é enumerável cessa de ser (HAN, 2018, p. 67).

Tido fracasso nesse empreendimento economicista é fator de esgotamento psíquico, por isso muitos influenciadores digitais sofrem, após longa margem de tempo em exposição virtual continuada, de Síndrome de Burnout. Eis aqui a completa realização do zumbi neoliberal, que suprime toda a sua vitalidade para gerar condições rentáveis ótimas, mas que inevitavelmente perde qualquer possibilidade de agir de outro modo, promovendo assim uma existência unidimensional na qual voluntariamente se afoga, ainda que conectada aos mais poderosos dispositivos eletrônicos. Andrew Keen argumenta que

A mídia social não é usada só por regimes ou organizações repressivas para fortalecer seu poder. Ela também aumenta as assustadoras desigualdades entre os influenciadores, as novas massas digitais. Se a identidade é a nova moeda, e a repetição, a nova riqueza da era da mídia social, então a elite digital hipervisível está se tornando

uma parcela cada vez menor da população (KEEN, 2012, p. 85).

Toda decepção em alcançar os resultados midiáticos ansiados gera no influenciador digital uma angústia irrefreável e a sofreguidão em modificar as estratégias de propagação dos seus conteúdos para que consiga enfim viralizar. A desconexão informacional, tão cara aos espíritos contemplativos e bem-logrados, é uma deficiência capital para o influenciador digital em sua necessidade de vigilância permanente. Anselm Jappe ao analisar o totalitarismo neoliberal, argumenta que

A vida é submetida a uma racionalização total, o mais pequeno ato deve ser útil e produtivo, e a vida será gerada por tecnologias. A total mercantilização da vida, mesmo a íntima, não significa necessariamente que tudo está de fato à venda, mas que tudo se encontra submetido às exigências da eficiência e de ganhos de tempo, de desempenho e de garantia de resultados (JAPPE, 2019, p. 295-296).

A produção de conteúdo deve não apenas ser vista pela humanidade digital em seu olhar superexcitado e hipertrofiado, mas também impactá-la e orientar a sua conduta para assim forjar novos hábitos e gostos, sempre em um ritmo processual acelerado, pois nada pode permanecer estável por muito tempo no regime digital. Conforme argumenta Max Fisher, “As mídias sociais, ao bombardearem usuários com estímulo social em ritmo acelerado, os incentivaram a confiar mais na resposta rápida da intuição social do que na lógica pensada” (FISHER, 2023, p. 204).

A massa informacional sempre deve aumentar sob o risco de se perder visibilidade digital e seguidores ávidos por conteúdos impactantes que geram imediata aderência. Na codificação

comportamental das redes sociais, quem posta pouco é porque não apresenta nenhuma qualidade vendável, nenhum atributo rentabilizável, atributo por excelência que concede dignidade ao empreendedor-digital, que nada mais é que uma variante do malfadado “empreendedor de si” neoliberal. Mais uma vez percebemos assim os efeitos disruptivos da dromocracia na confecção de nossa existência, e quem consegue conhecer bem esses códigos digitais se torna um possível senhor de si mesmo capaz de influenciar com mais precisão as pessoas. De acordo com Byung-Chul Han,

A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente. O telefone móvel como aparato da vigilância e submissão explora a liberdade e a comunicação (HAN, 2022a, p. 13)

A matemática, de onde deriva a programação algorítmica dos sistemas informáticos, é uma das chaves para a compreensão da produção de conteúdos digitais, e negligenciar esse conhecimento resulta na submissão irrefletida aos imperativos bastante interessados das Big Techs. Toda informação digital se converte em dado capitalizável pelas empresas inseridas na cibersociedade transformando-se em padrão de análise e propaganda viral processada para se infiltrar na bolha do usuário. Os influenciadores digitais visam promover um uso pragmático das funcionalidades digitais: “Os passos aritméticos apontam para um modo de proceder inteiramente diferente do pensar. Eles são protegidos contra surpresas, rupturas ou acontecimentos” (HAN, 2018, p. 91). Toda incerteza acerca da capacidade de impactar a legião de seguidores e alcançar mais

além acomete esse segmento comunicacional de afetações estressantes que usualmente ocasionam situações mais graves de esgotamento psicofísico. A Síndrome de Burnout é global, pois acomete qualquer segmento laboral humano, inclusive o nicho mercadológico da informação e produção de conteúdo digital e é muito difícil para quem constrói sua rentabilidade profissional através do manejo das redes sociais se libertar das pressões algorítmicas. A excitação psíquica produzida pelo excesso de exposição digital é um caminho abismal para a erosão metabólica.

Não basta existir, é necessário aparecer e permanecer em evidência midiática, criando-se sempre mais e mais impacto junto ao público consumidor de imagens e de conteúdos. O discurso digital deve não apenas agradar, mas engajar, e assim o influenciador jamais pode esmorecer em suas atividades, permanecendo mais e mais alinhado com os gostos dos usuários, de modo a se evitar situações de cancelamento, como também se antecipar aos seus anseios informacionais, produzindo conteúdos novos que dinamizam as bases de dados e se propagam conforme afinidades eletivas dos usuários. A neofilia é soberana na Infocracia. A obrigação autoimposta de ser original é fator de angústia, pois nem sempre conseguimos inovar naquilo que produzimos. Trata-se assim de uma grande pressão informacional, que no fundo prejudica o estilo e a autenticidade dos atores envolvidos nesse processo acelerado de difusão de dados impulsionados por teias algorítmicas que fogem ao nosso controle racional. Segundo Byung-Chul Han, “O vazio de sentido faz com que nos comuniquemos sem pausa e sem interrupção. [...] Uma comunicação como diálogo que promove o sentido se furta à aceleração (HAN, 2021, p. 40).

Muitos influenciadores digitais conseguem obter uma excelente margem de lucratividade com o manejo hábil das tendências vertiginosas das redes sociais que preenchem o nosso imaginário social. Todavia, para quem não consegue mobilizar uma escala massiva de seguidores a sensação de impotência moral e de fracasso se manifestam na subjetividade do criador de conteúdo, exaurindo sua vitalidade, uma vez que ocorre algo como que uma perda da capacidade de engajar. A sensação de cansaço que ocorre usualmente no profissional incapaz de se desconectar da rotina laboral na sua empresa é similar à que acomete o influenciador digital. A dinâmica autofágica da organização cronométrica exige a confusão entre o tempo de engajamento e o tempo de repouso pleno, cada vez mais suprimido em favor da otimização das oportunidades. A atenção permanece sempre em vigília para não ocorrer nenhum prejuízo operacional e assim perda de eficácia e de rentabilidade. Derrick de Kerckhove detecta a mudança comportamental que as transformações dos meios técnicos proporcionam na consciência perceptiva do usuário:

A televisão tinha o poder de relaxar e induzir a nossa sensibilidade para um humor expansivo, enquanto os computadores contraíram muita dessa expansividade em mentes atentas, concentradas e de emoções controladas (KERCKHOVE, 2009, p. 148).

Vive-se assim em uma espécie de prisão informacional, mais sutil do que a crosta de ferro da Modernidade e sua racionalização instrumental da realidade concreta, mas que é também tão supressora da singularidade individual como as configurações originais do poder técnico do passado gerencial-disciplinar. Em vista de tal situação, é pouco razoável acreditarmos vivermos

em uma democracia efetiva, pois a estrutura decisória é planejada por dispositivos invisíveis para a constituição deliberativa da esfera pública. Byung-Chul Han salienta que

Estamos, hoje, aprisionados em uma caverna digital supondo estarmos em liberdade. Estamos agrilhoados na tela digital. Os prisioneiros da caverna platônica estão inebriados pelas imagens mítico-narrativas. A caverna digital, por sua vez, nos mantém aprisionados em informações (HAN, 2022a, p. 106).

A comunicação genuína se pauta pela alteridade, pela capacidade de reconhecer a pessoa do outro como um interlocutor multidimensional e assim acaba por respeitar rigorosamente sua subjetividade e sua temporalidade, que não se adequa ao regime metrificável do relógio. A força invasiva da informação virtualizada não reconhece limites axiológicos além dos que são forjados pelos próprios enunciadores, e assim abole-se toda zona fronteira que denota cuidado prévio e reverência pela figura do outro. Podemos afirmar que há um despudor ético nesse processo de confusão informacional. Byung-Chul Han aponta ainda que

O mundo virtual é pobre em alteridade e em seu caráter de resistência. Nos espaços virtuais o ego pode se movimentar sem precisar lidar com o “princípio de realidade”, que seria o princípio do Outro e da resistência. Nos espaços imaginários da virtualidade o ego narcísico encontra sobretudo a si mesmo (HAN, 2017, p. 71).

O trabalho remoto e sua parafernália tecnocrática satura a subjetividade humana de informações heteróclitas que levam ao desajuste psicofísico, pois a mente permanece mobilizada para absorver qualquer tipo de conteúdo, exigindo-se ainda do usuário

computadores e aparatos técnicos aptos para a realização das tarefas sob o risco de perda de produtividade e de rentabilidade. A vida digital dispersa pelas redes sociais e aplicativos também se molda por essas características de aderência aos estímulos digitais manifestados em interfaces de última geração. A Infocracia, poder da informação, é unilateral, impositiva, irrefletida, acelerada. Vivemos saturados de informações que não possuem poder formativo. Informar não é formar, cabe destacar, pois o ato formativo é lento, singularizado. Conforme aponta Dominique Wolton,

A aceleração da circulação de mensagens, de imagens, de informações torna mais visíveis que antes as diferenças entre culturas e sistemas de valores. E pode criar por contraste o efeito inverso (WOLTON, 2007, p. 42).

Por isso o discurso do influenciador digital deve ser o mais simples possível, conciso e um tanto lúdico, de modo a agradar por sua brevidade e leveza. Toda profundidade é condenável. Temos assim uma espécie de sociedade autocentrada, isto é, incapaz de compreender as totalidades dos eventos sociais de maneira ampla, mas apenas em seu reduzido âmbito perceptivo, prejudicando então sua capacidade de avaliar e de julgar. Para que essa massa digital seja cooptada por um demagogo hábil em manipular os afetos difusos de uma sociedade intelectualmente desorientada e incapaz de meditar temos apenas uma pequena distância, para malgrado da combatida democracia substantiva. O autoritarismo se forja por bases instrumentais intelectualmente grosseiras e simplistas, pois o uso da força é sua matriz operacional fundamental. O consumidor de informações, desprovido da paciência do conceito e da capacidade de introspecção

que o leva a ponderar bem em suas decisões, aprova assim a mediocridade argumentativa do líder disruptivo que adentra na virtualização da cena política para atrair uma legião de seguidores idiotizados. A extrema-direita, defensora de uma cruenta lógica de mercado individualista e eugenista, encontra nos oligopólios das Big Techs um anteparo político crucial para sua marcha reacionária pelo mundo colapsado pela ameaça de uma guerra mundial definitiva e pelo supressão da saúde da Biosfera. Derrick de Kerckhove considera que

O mundo online é uma extensão do mundo físico, não uma contradição. Mas, como em todas as coisas, há um efeito agressivo acelerador e multiplicador de algum meio e, no caso da Internet, as possibilidades de escolher direções ruins são multiplicadas (KERCKHOVE, 2009, p.194-195; p. 249).

Não existe talvez solução para esse grande problema da cultura digital, e desejar a abolição das redes é uma medida que não resolve a questão. Uma reeducação digital talvez ajude nossa geração a valorizar mais o conteúdo crítico, mas também não promove condições plenas de empoderamento intelectual. Uma solução razoável está na desmistificação dos processos algorítmicos e maior controle social sobre as Big Techs, empresas que lucram sobremaneira com a toxicidade discursiva e o embotamento dos sentidos da massa digital, cada vez menos cidadã, cada vez mais massa de consumo não apenas para serviços, mas também de padrões de vida. Muda-se apenas a atmosfera perceptiva, mas a estrutura de dominação é a mesma. Manuel Castells, em uma argumentação bastante objetiva, aponta que

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar as tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa sociedade (CASTELLS, 2003, p. 11).

Sempre importante destacar, as redes sociais não operam através da espontaneidade, mas da padronização impositiva de estilos e tendências sobre os seus usuários seduzidos pela miríade informacional. Uma espécie de autoritarismo digital que certamente ludibria o usuário pelo fato de que há a crença de que se pode a qualquer momento se desconectar de tudo e voltar ao mundo analógico. A sabedoria prática de vida nos ensina que sempre é razoável fecharmos um pouco os olhos e nos interiorizarmos e deixarmos o que nos acomete de sofreguidão para cuidarmos melhor de nosso jardim. A desconexão informacional é uma estratégia provisória razoável para mitigarmos os efeitos asfíxiantes da dominação digital na formatação da nossa consciência excitada pelos estímulos heteróclitos da Internet e dos aplicativos. Nada melhor do que a liberdade intelectual de se manter afastado pela maior extensão possível de tempo de qualquer aderência aos reclames do controle gerencial, pois a ataraxia também pressupõe o desligamento dos aparelhos eletrônicos para que possamos esvaziar a mente dos conteúdos desqualificados e quantitativos, para enfim vivermos em conformidade com os princípios superiores da contemplação da realidade para além das determinações algorítmicas e dos controles sociotécnicos sobre nossa tão solapada subjetividade.

Considerações finais

Apesar de todas as objeções que podemos fazer ao delineamento de nossa forma de vida cada vez mais operacionalizada conforme os paradigmas digitais, é praticamente impossível qualquer retorno ao passado analógico, exceto em casos excepcionais. A virtualização da comunicação em si não é o grande problema para o bem-estar social, mas sim a falta de filtro e de controle efetivamente democrático sobre os seus dispositivos. Setores disruptivos da sociedade capitalista aproveitam-se das funcionalidades digitais para impor suas pautas cretinizadas sobre a opinião pública, monetizando arditosamente o ódio e a virulência dos insatisfeitos com o status das suas próprias vidas. Redes de esperança que se consolidam, infelizmente, como redes de barbárie informática e assim pulverizam os projetos de transformação humanizadora de nosso arranjo civilizacional pela conectividade proporcionada pela Internet, cada vez mais subjugada pela propagação viral da engenharia da desinformação. Para Muniz Sodré, “Na ausência de pausa reflexiva, a rapidez da mensagem solicita e potencializa o efeito mimético do ódio, ao modo de um rastilho de pólvora, que apenas aguarda a fagulha para explodir em atos (SODRÉ, 2021, p. 231).

A Cibercultura, de todo modo, é um projeto inacabado e pode se transformar em um conjunto de recursos ao serviço da dignidade humana e da sua libertação sociopolítica perante as maquinações conspiratórias da direita fascistoide, detentora do grande capital em um mundo em risco de colapso global. Para tanto é imprescindível que surjam mobilizações extraparlamentares que modifiquem radicalmente os fluxos informacionais dominados pelas grandes

corporações e seus interesses antissociais. A desconexão, tão salutar para repousar a consciência superexcitada do cotidiano embotada com as informações heteróclitas, não é a solução definitiva para a modificação substantiva da Internet, pois se todas as pessoas valorosas do nosso planeta permanecerem dissociadas das redes informacionais, a dominação das malhas eletrônicas continuará com plena consistência. Por conseguinte, é necessário que se resista e que se compreenda adequadamente técnicas de neutralização de toda forma de produção degradada de conteúdos digitais que violam a dignidade da pessoa humana e que potencializam os lucros de grupos econômicos que se beneficiam na degradação societária. A educação digital, não apenas nos currículos escolares, mas também em todos os movimentos sociais de base e em quaisquer circunstâncias pessoais, é uma urgência imperiosa para o fortalecimento da energia democrática.

Agradecimentos

Por considerar, conforme o teor do presente artigo, que toda construção do saber se constitui substantivamente através da dinâmica da inteligência coletiva em suas diversas mediações sociais, quero externalizar minha gratidão para Antônio Ozaí da Silva, Anderson Rosário (Promotor de Vendas da Editora Vozes), Kelly Yumi Sagava, Lucia Sayuri Yokoyama Sagava, Roberto Nunes Bittencourt, Paulo Roberto Bittencourt, Luís Carlos Bittencourt, Lícia Satsuki Yokoyama Ito, Larissa Ayumi Ito, Thais Naomi Ito, Shizuko Tsuda Yokoyama, Erik Kenji Ito, Wilson Eduardo, André Martins, Ricardo Jardim Andrade, Danilo Bilate, Tiago Barros, Catarina Alves dos Santos, Wladimir Cerveira, Thais Fernandes, Ricardo Oliveira, Fred Tavares, Arthur Meucci, Cezar Luiz de Mari, Geraldo Emery, André Campos da Rocha, Ana Paula Bezerra de Miranda, Maria do Socorro Loureiro, Adriana Araújo, Vilmar Debona,

Luiz Eduardo Motta, Felipe Lemoura, Ediana Avelar, Renata Feital, Marcio Rolla, Bianca dos Santos Damasceno, Julio Cezar de Oliveira Braga, Denise Lilenbaum, Denise Duarte, Paula Félix Palma, Anissa Felippini, Carol Desoti, Marcos Lopes Ribeiro, Alessandra Zaharoff, Felipe Figueira, Wellington Lima Amorim, Luiz Meirelles, Reinaldo José Themoteo, Rodrigo da Silva dos Santos, Leonardo Perin Vichi, Wellington Trotta, Delmo Mattos, Richard Fonseca, Roberto S. Kahlmeyer-Mertens, André Vinicius Dias Senra, Wendel Pinheiro, Marcello Picchi, Lucio Massafferri Salles, Luiz Otavio Mantovaneli, Daniel Nigri, Luciana de Oliveira Gavioli, Bruno Peres Freitas, Liandra Lima Carvalho, Estela Willeman, Elielso de Sousa, Cidah Duarte, Carina Blacutt, Maria Júlia Batista de Holanda, Quésia Olanda, Sullivan Sena, Margarete Ribeiro Tavares, Ana Flávia Costa Eccard, Rodrigo Bandeira Marra, Leonardo Rocha de Almeida, Alessandra Porto, Conceição Souza, Diógenes Ivo Fernandes de Sousa Silva, Flávio Henrique Barboza da Silva, Filipe Galvón, Francisco Cota, Marcelo Manso, Erico Lebedenco, Orlando Seixas, Claudia Senra, Arthur de Sousa Machado, Renato Curty, Nalini Narayan, Alexandre Marques Cabral, Jacqueline Oliveira Leão, Jasson Martins, Luiz Sérgio da Rocha, Luciana Velloso, Daniel Velloso, Getúlio Nascimento Braga Júnior, Marcio Daniel Nicodemos da Costa, Hugo Estevam de Souza, Fábio Samu da Cunha, Marcus Pedroza, Claudio Cavalcante Júnior, Arcângelo Zattera Neto, Rogier Viegas, Hosana Oliveira, Liz Laura Martins, Luiz Fernando Axelband, André Fonseca, Colegas do NUPAD-FACC-UFRJ, Ana D'Arc Maia Pinto, Analice Valdman, Lohania Lacerda, Tarsila Ribeiro, Helios Malebranche, Luciano Rodrigues de Souza Coutinho, Zeca Carvalho, Maria Teresa Coutinho, André Barcaui, Jorge Werneck, Henrique Westenberger, Geraldo Luiz Reis Nunes, Synval de Sant'Anna Reis Neto, Paulo Roberto Falcão, Thalia Polyphemo, Vanderleia Pinheiro, Fernanda Accioly Rezende da Silva, Débora da Cruz Neves, Priscila Luciana Garret Simões da Silva, Máira Santana Fortunato, Ester Souza, Maria Paula Madeira, Erik Schumacher

Pires de Sá, Ariel David, Wendel Lemos, André Ramos Pinto, André Lemos Cabral, Francis Fidel Monzon Barreto, Pedro Knupp Vieira, Felipe Knupp Vieira, Luciano José de Almada Dias, Rubi Gomes, Viviane Marinho Guimarães, Isadora dos Santos Lopez, Maria Júlia Santos, Robério de Paula Almeida, Leonaldo Brandão, Heliane Ferreira, Bruno Freitas Santos Filho.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BITTENCOURT, Renato Nunes. “A Cibercultura e a formação da consciência emancipada na rede virtual. **Documenta** v. 5, p. 159-182, 2012a.

_____. “O Virtual e os novos paradigmas da publicação acadêmica”. **Revista Espaço Acadêmico** n.133, p. 79-87, 2012b.

_____. “Virtualização dos saberes”. **Revista Filosofia Ciência & Vida**, v. 68, p. 16-23, 2012c.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão Digital: uma visão crítica**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2008.

CRARY, Jonathan. **Terra Arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. Trad. de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2023.

CREMADES, Javier. **Micropoder: a força do cidadão na era digital**. Trad. de Edgard Charles. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2009.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Trad. de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Max. **A Máquina do Caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e**

nosso mundo. Trad. de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Trad. de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022a.

_____. **Não-Coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Trad. de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2022b.

_____. **No enxame: perspectivas do digital**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Topologia da Violência**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

JAPPE, Anselm. **A Sociedade Autofágica: capitalismo, desmesura e destruição**. Trad. de Júlio Henriques. Lisboa: Antígona, 2019.

KEEN, Andrew. **Vertigem Digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando**. Trad. de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A Sociedade Incivil: Mídia, Iliberalismo e Finanças**. Petrópolis: Vozes, 2021.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. Trad. de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Trad. de Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Recebido em 2023-11-10
Publicado em 2023-12-01